



BIBLIOTECAS  
DE LISBOA

**SOL E MOSCAS: SEMANARIO ILLUSTRADO DE CRITICA TAURINA** – Tinha-se em conta de revista e publicou-se em **Lisboa**, entre **3 de abril e 22 de maio de 1898**, somando **8 números**. Saía aos domingos. Era **propriedade de J. Garcia de Lima**<sup>1</sup> e foi **dirigida por João Severo**<sup>2</sup>.

Como o título sugere, o humor fazia parte da ementa que a revista propunha aos leitores. No campo literário, essa feição era cultivada pelo diretor (João Severo) e por **Esculápio**<sup>3</sup>. Graficamente, era assegurada por **um caricaturista, também humorista**, que assinava como «Chief Lisboa».

O *Sol e Moscas* contou ainda com a colaboração regular de **Segismundo Costa**<sup>4</sup> e de outros críticos, de um jornalista e de **um fotógrafo**, que optaram por não revelar a identidade. Também publicava artigos de correspondentes de outras cidades portuguesas, de Espanha e de França.

A revista tinha a sua **administração e redação sedeadas na Rua de S. José, 40 – 3.º**, em Lisboa. A impressão era assegurada pela **Imprensa do Libanio da Silva**<sup>5</sup>, na rua do Norte, 91.

Como consta no editorial do primeiro número, intitulado «De cavaco», a revista foi **anunciada previamente através de um prospeto**. Ainda que este não fosse um procedimento usual, não era inédito. Oferecia alguns benefícios ou vantagens. Permitia, sobretudo, aferir a receptividade do público ao produto, que ficava traduzida no número de assinaturas vendidas e, de caminho, também aliviava o esforço financeiro inicial do empresário. Embora a venda por ardinhas

<sup>1</sup> Mais tarde, foi proprietário da revista *O economista portuguez* (1904-1921).

<sup>2</sup> Trata-se muito provavelmente de um pseudónimo, pois não foi encontrada qualquer informação biográfica sobre o personagem. Na revista, a sua assinatura está presente sobretudo nos últimos números.

<sup>3</sup> Pseudónimo usado por Eduardo Fernandes (Lisboa, 1870-1945) – Jornalista e teatrólogo português. Fundou e dirigiu *A Pátria* e colaborou com *A Sátira*, *A Vanguarda*, *O Século*, *o António Maria*, *Pimpão*, entre outros. No teatro, estreou-se como autor, em 1892, com a peça «Sarilho», a que se seguiram muitas outras obras, que foram representadas em palcos de Portugal, Brasil e Espanha. Também fez traduções e adaptações de obras estrangeiras. Fundou a Associação dos Trabalhadores de Teatro e foi inspector-geral da Sociedade de Escritores e Compositores Teatrais Portugueses.

<sup>4</sup> Segismundo Carlos Xavier Costa (Lisboa, 1865-1931) – Jornalista e crítico tauromático. As suas primeiras críticas foram publicadas em *O Economista*, depois colaborou com periódicos como: *Epoca*, *O Dia*, *Diário Popular*, *Correio da Manhã* e *Sol e Moscas*. Com Artur Teles fundou e co-dirigiu a revista *Sol e Sombra* (1894-1895). Também se dedicou à bibliografia taurina e possuía uma preciosa coleção de centenas de obras. Foi amigo de D. Luís Carmena e de D. José Sanchez de Neira, que no seu *Grande Dicionário Tauromaco* o refere. Respondeu ao inquérito sobre o toureiro antigo e moderno, lançado pelo jornal *La Noticia*, de San Sebastian, e esse depoimento foi reproduzido no *Diário de Lisboa* de 21/08/1931.

<sup>5</sup> Libânio da Silva, além de tipógrafo, também era grande aficionado e fez parte da redação de *A Tourada* – digitalizada e acessível no sítio da Biblioteca Nacional –, e de *A Trincheira*, onde usava o pseudónimo «A. Dão».

viesses a ganhar peso desde da estreia do *Diário de Notícias* (1865), a assinatura e a venda avulsa nos estabelecimentos comerciais continuavam a ser peças fundamentais no processo de venda dos periódicos, particularmente dos não diários e fora do espaço urbano. O *Sol e Moscas* encontrava-se «à venda na Galeria Monaco e principais tabacarias».<sup>6</sup>

Outro esquema a que se recorria para cativar o leitor era o do **envio à “experiência” do primeiro número, utilizando para isso o serviço dos correios**. Era uma prática que envolvia algum risco de perda, pois o recetor e potencial assinante podia ficar com o jornal e não concretizar nenhuma assinatura, como se percebe do apelo lançado na secção «Expediente»: «Pedimos às pessoas a quem enviámos o 1.º número do SOL E MOSCAS, a fineza de o devolverem caso o não queiram assignar.»<sup>7</sup>

Os **serviços postais também não eram de confiança**. De acordo com as denúncias do *Sol e Moscas* as queixas dos assinantes por não receberem a revista eram frequentes. O problema neste caso era mais grave, pois permanecia no tempo e afetava a relação da empresa jornalista com o leitor-assinante. Num registo bem-humorado, a direção do *Sol e Moscas* publicava, na mesma secção, insistentes “recados” dirigidos ao diretor dos correios: «Pedimos a S. Ex.<sup>a</sup> a fineza de lembrar aos senhores correios ou a quem tocar, que a assignatura do “Sol e Moscas” pode fazer-se na rua de S. José, 48, 3.º, pelo preço de 600 reis cada série de 16 números. Fazemos este pedido em vista de muitos dos nossos assignantes se queixarem da falta do jornal, o que nos faz supor que por aquella repartição do Estado há muita “aficcion”.»<sup>8</sup>

A propósito do **preçário praticado** pelo *Sol e Moscas*, importa notar que **reflete a especificidade da revista, quer no que se refere à matéria que estava no centro da sua atenção, quer no que toca ao público a que era dirigida**. A assinatura tomava por referência a temporada das touradas e não o ano civil, pelo que era disponibilizada em **séries de 32 ou de 16 números**, que se vendiam por 1\$200 ou \$600 reis, respetivamente. O número avulso ficava por \$40 reis. A ausência da habitual referência aos preços para as ilhas, as colónias e o Brasil, parece indiciar uma **vocação local ou regional**. O *Sol e Moscas* seria preferencialmente dirigida para o público da capital. Foi por ele que brindou quando saiu o primeiro número: «Parabéns ao lisboeta.»<sup>9</sup>

## PROGRAMA

O *Sol e Moscas* **pretendia-se uma publicação moderna**, e, na perceção de quem o afirmava, esse **conceito de modernidade derivava, por um lado, da forma de comunicar**, que devia valer-se de uma linguagem viva e atrativa, que valorizava o humor e a imagem; **e por outro lado, da assunção de uma missão instrutiva ou formativa do público**: «Solícita e prestante surge então

---

<sup>6</sup> Cf. «Expediente», in *Sol e Moscas*, n.º 2, de 10/04/1898, p. 15.

<sup>7</sup> Ibidem.

<sup>8</sup> Cf. «Expediente», in *Sol e Moscas*, n.º 4, de 24/04/1898, p. 32.

<sup>9</sup> Cf. «De cavaco», in *Sol e Moscas*, n.º 1, de 03/04/1898, p. 2.

a Revista. Não a antiga revista pesada e monótona, mas uma revista que procura ser do seu tempo; não a revista que vos citava os *ferros* e *capotasos* d'uma tarde, e mais vos dizia muito simplesmente, grave e austera, que o bandarilheiro fulano andára mal, e o cavaleiro cicrano andara peor. Não, meus senhores, a par da descrição meticolosa e da arguição por um mau trabalho, é necessário dizer [...] porque elle foi mau e como deveria ter sido para ser bom. Parece-nos isto mais instructivo e mais leal. Depois é de notória importância o acompanhar a resenha com a descrição graphica, pois que muitas vezes necessário um pequeno cliché elucida mais do que muitas linhas da mais bella prosa. A gazetilha de piada alegre e esfuziante é-lhe tão indispensável como o sal n'uma panella bem adubada. Porque é preciso que n'uma revista de touros sejam bem impressos todos os característicos do espectáculo que a originou, desde a condemnação severa d'um mau trabalho, até ao dito alegre e vivo tão nacional e por vezes tão cheio de espirito.»<sup>10</sup>

Partindo da constatação de que o espetáculo da tourada entusiasmava o publico da capital – «não conhecemos logar onde o lisboeta apparente um mais delicioso bem estar que uma praça de touros» –, entendiam que fazia «falta uma revista generica e digna d'esse nome pelo cuidado da forma e pela seriedade e imparcialidade da critica. Duas houve que se recommendavam por estes requisitos, mas já hoje não existem.»

De facto, e tanto quanto foi possível investigar a imprensa tauromática de Lisboa já conhecera melhores dias. **Entre 1895 e 1897, a capital convivera com pelo menos 7 periódicos da especialidade**, quase sempre em regime de concorrência, referimo-nos a: *Sol e Sombra: revista taurina* (1894-1895); *O Echo: publicação tauromachica, teatral e litteraria* (1894-1895); *A Tourada: revista taurina* (1894-1895); *Toureiro Clássico: revista tauromachica peninsular* (1895); *O Campo Pequeno: revista tauromachica e theatral* (1895-1896); *A Lide* (1897); e a *Revista Taurina: semanário illustrado* (1897); existiam ainda alguns almanaques votados à arte e muitos periódicos tratavam a tauromaquia em secção própria. **Mas naquele ano de 1898, o Sol e Moscas vinha ocupar um espaço vazio** no universo da imprensa alfacinha da especialidade.

Exatamente porque se encontrava, à partida, numa posição de monopólio, merece atenção a enfase com que a direção do *Sol e Moscas* afirmou a sua natureza «generica», isto é, independente, como garantia de um trabalho jornalístico sério e imparcial. Na verdade, **a maioria dos periódicos tauromáticos nascia sob tutela de um dos interesses económicos que operavam no setor** (desde as ganadarias, aos que exploravam as praças, passando pelos toureiros, etc.). Considerada nesta perspectiva, a explicação avançada sobre o título escolhido para a revista carrega-se de sentido: «Sol e Moscas, por si só, sem o subtítulo Revista Taurina, diz bem ao que vimos sem explicações desnecessárias.»<sup>11</sup> Portanto, não oferece dúvidas de que existia uma consciência sobre o resultado daquela promiscuidade entre o jornalismo e o poder económico diretamente envolvido nas lides tauromáticas: uma imprensa facciosa que não merecia a confiança, o respeito dos leitores, o que,

---

<sup>10</sup> Cf. «De cavaco», in *Sol e Moscas*, n.1, de 03/04/1898, p. 2.

<sup>11</sup> *Ibidem*.

em última análise, acabava por inviabilizar as próprias empresas jornalísticas. Daí, provavelmente, aquela rotação de títulos, algo surpreendente por comparação com o universo de leitores (alfabetizados).

**Mas a maior fragilidade da imprensa tauromática estava na crescente impopularidade da tourada, enquanto espetáculo.** Um repúdio que era alimentado por uma combinação intrincada de razões e pretextos, que decorriam quer do desprestígio da monarquia e do rei, quer da propagação de valores de humanidade, de respeito pela vida, condenação da violência, etc. A revista não perdeu tempo a estudar o problema, ainda que no segundo numero levantasse protesto contra os «tartufos», isto é, os hipócritas, os falsos altruístas, procurando demonstrar como eram contraditórios e voláteis quando isso lhes convinha: «Não duvidará o maldoso em lançar a sua mão criminosa contra o implume passarinho, que busca o quotidiano alimento nas relvas dos campos, para satisfazer a sua paixão venatoria; não consentirá que a ave cantora, que covardemente, encerra n'uma gaiola, readquira a liberdade a que tem direito, por que quer deleitar-se com os seus cantos; não hesitará em dar a morte de maneira afrontosa a todos quanto viventes lhes serviam para satisfazer a sua gula; (...) E é humano que, para satisfazer paixões ou necessidades, vícios ou inconvenientes, sofram os pobres classificados de *Linneu* tantas torturas e suplícios, morrendo a bocados e sofrendo horas?»<sup>12</sup>

Também recorriam à literatura, publicando pequenos contos, para fazer prova dos valores nobres que faziam a alma da tourada e tinham nela o seu culto: do justo combate, do respeito pelo adversário, da valentia, da destreza, da beleza cenográfica... **Mas o que verdadeiramente dava substancia ao *Sol e Moscas* eram as crónicas sobre as corridas do Campo Pequeno,** que raramente poupavam o diretor da praça, o sr. Manuel Botas; **as biografias** sobre os toureiros, jornalistas, empresários e demais agentes ligados ao espetáculo – a maioria das vezes servidas com as respetivas fotografias e caricaturas; alguma doutrina sobre a arte de bem tourear; **e informação noticiosa** sobre a atividade havida e prevista na constelação de praças do país, de Espanha e por esse mundo fora.

Como sabemos, a revista capitulou ao fim de 2 meses, com 8 números publicados. Um fim anunciado ao leitor, a quem foram dadas garantias do estorno devido: «Não podendo o Director do SOL E MOSCAS, por motivos particulares, continuar a dirigir esta Revista, termina a publicação d'esta com o presente numero que completa meia serie, pelo que começamos desde já a remeter aos srs. assignantes a importância dos numeros por publicar.»<sup>13</sup>

Rita Correia

Lisboa, Hemeroteca Municipal, 23 de Dezembro de 2014

<sup>12</sup> Cf. «Tartufos!», in *Sol e Moscas*, n.º 2, de 10/04/1898, p. 10.

<sup>13</sup> C. «Aos srs. assignantes», in *Sol e Moscas*, n.º 8, de 22/05/1898, p. 58.



## **BIBLIOGRAFIA**

*Grande enciclopédia portuguesa brasileira.* Lisboa-Rio de Janeiro: Editorial Enciclopédia, Lda., [s.d.].

PINHEIRO, Francisco - *História da Imprensa Desportiva em Portugal.* Lisboa, Edições Afrontamento: 2010.

TENGARRINHA, José – *História da Imprensa Periódica Portuguesa.* 2.<sup>a</sup> edição, revista e aumentada. Lisboa: Editorial Caminho, SA, 1989.